

ANÁLISE DO MERCADO DE TRABALHO

1 INTRODUÇÃO

A fim de balizar os resultados sobre o desempenho do mercado de trabalho, esta análise tem início com um breve panorama do ambiente macroeconômico na primeira metade de 2010.¹ No que se refere ao nível de atividade, os indicadores apontam para uma tendência de expansão da economia. De fato, o último resultado disponível para o produto interno bruto (PIB) referente ao primeiro trimestre de 2010 mostra um aumento de 9% frente ao mesmo período do ano de 2009.² Indicadores indiretos do nível de atividade – tais como vendas no varejo e produção industrial – denotam que o nível de atividade continuou a se expandir, ainda que em patamares ligeiramente menores, no segundo trimestre. Por sua vez, os índices de preço vêm apontando taxas de crescimento maiores que as registradas para o período correspondente de 2009. O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) acumulou alta de 3,09% no primeiro semestre de 2010, resultado que ficou acima do observado para o mesmo período de 2009 (2,49%).³ Portanto, o quadro macroeconômico parece ser de aquecimento do mercado interno, com a possibilidade de se estar iniciando um processo de desaceleração.

A discussão das próximas seções mostrará que em boa medida o mercado de trabalho metropolitano vem refletindo essa realidade da economia.⁴ Em linhas gerais, no decorrer do primeiro semestre de 2010 é possível visualizar o bom desempenho da economia na geração de novos postos de trabalho e na melhoria das condições de trabalho. Nos dados divulgados para o primeiro semestre, pode-se destacar a diminuição da taxa de desemprego e da informalidade. A taxa de desemprego médio para o primeiro semestre de 2010 ficou em 7,3%, tendo o último mês de junho apresentado a menor taxa para este mês desde 2003 (7%). A taxa de informalidade média ficou em 37,2%, bem abaixo das verificadas nos anos anteriores. É importante destacar, também, que esta taxa segue uma tendência de queda ao longo dos meses de 2010. Os principais indicadores serão analisados em detalhes a seguir. Pelo fato de o primeiro semestre de 2009 ter registrado um comportamento atípico do mercado de trabalho brasileiro, procura-se evitar a comparação com este período.

1. Esse panorama macroeconômico está fundamentado pelos números disponíveis na sinopse macroeconômica do Ipeadata. Acessar: <www.ipeadata.gov.br>.

2. Há que se fazer uma ressalva sobre o patamar baixo do PIB no primeiro trimestre de 2009.

3. De novo, vale ressaltar que no início de 2009 os preços foram comprimidos pelo baixo nível de atividade. Ainda assim, a variação acumulada em 12 meses foi de 4,84%, acima da meta de inflação de 4,5% definida para o ano corrente.

4. Para tanto, serão utilizados os dados da Pesquisa Mensal de Emprego (PME), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); da Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED), do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese); e, ainda, do Cadastro Geral de Emprego e Desemprego (CAGED), do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) – este um registro administrativo nacional do emprego formal.

2 TAXA DE ATIVIDADE E DESOCUPAÇÃO

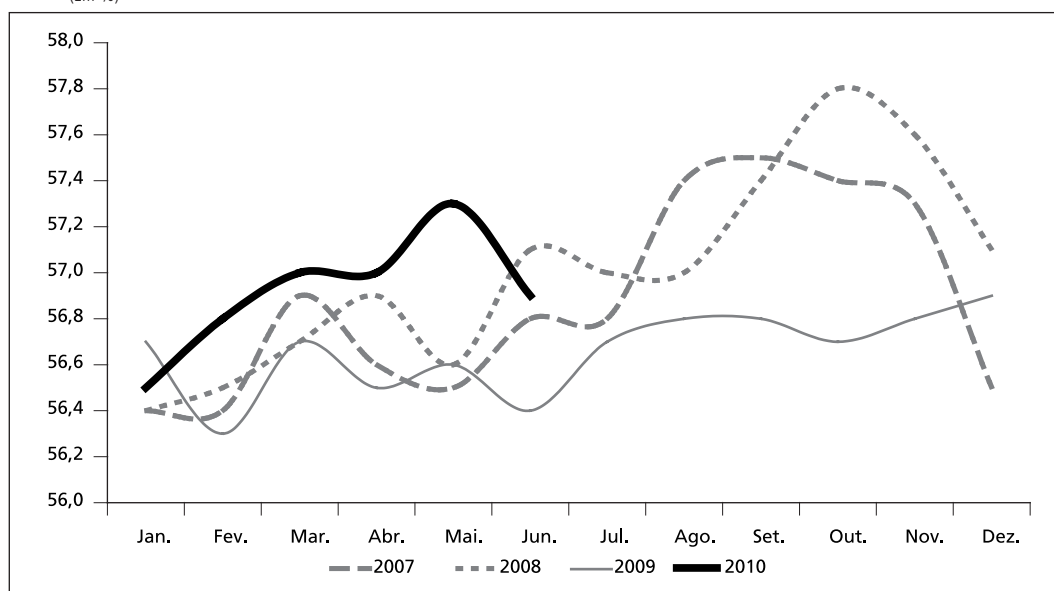
O gráfico 1 ilustra a evolução da taxa de atividade⁵ ao longo dos anos de 2007 a 2010. Nota-se que, em 2010, esta taxa situa-se em um patamar superior ao dos demais anos. Ao se considerar a variação entre os valores médios dos primeiros semestres de 2010 e 2008, a taxa de atividade apresenta um crescimento de 0,2 ponto percentual (p.p.). O indicador apresenta uma forte tendência de alta até maio de 2010, quando assume o maior valor do ano (57,3%) e a maior variação frente ao mesmo mês dos anos anteriores. Em junho, a taxa sofre uma queda de 0,4 p.p., situando-se abaixo da observada para o mesmo período de 2008. Porém, ela ainda é maior que as registradas nos anos de 2007 e 2009.

Para entender melhor a evolução dessa taxa, é interessante desagregá-la segundo características da força de trabalho, com o intuito de identificar algum grupo cuja influência sobre a evolução da taxa agregada tenha sobressaído.⁶ Na repartição por sexo, não é possível identificar tal grupo, uma vez que tanto as mulheres quanto os homens apresentaram aumentos de magnitude semelhante (0,6 e 0,2 p.p., respectivamente) na taxa de participação nos seis primeiros meses de 2010 *vis-à-vis* 2008.

GRÁFICO 1

Taxa de atividade

(Em %)



Fonte: Pesquisa Mensal de Emprego do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (PME/IBGE).

A situação muda quando se consideram as desagregações por idade e grau de instrução. Com relação à desagregação por idade, indivíduos com mais de 24 anos passam a participar mais da força de trabalho, inclusive aqueles com 50 anos ou mais (1,1 p.p.). As pessoas mais afetadas pela redução no indicador encontram-se na faixa de 10 a 24 anos, com destaque para aquelas entre 15 e 17 anos (-3,5 p.p.). No que diz respeito à partição por grau de instrução, o grupo com instrução inferior ao ensino fundamental completo merece destaque, com um aumento na participação de 1,6 p.p.

5. A taxa de atividade ou participação é obtida pela divisão entre a população economicamente ativa (PEA) e a população em idade ativa (PIA).

6. Os dados estão disponíveis no anexo.

A heterogeneidade também é marcante no recorte por região metropolitana (RM). Consta-se que, entre o primeiro semestre de 2008 e o de 2010, a taxa de atividade cresceu 3 p.p. no Recife, mas diminuiu 1,33 e 0,38 p.p. em Porto Alegre e São Paulo, respectivamente.

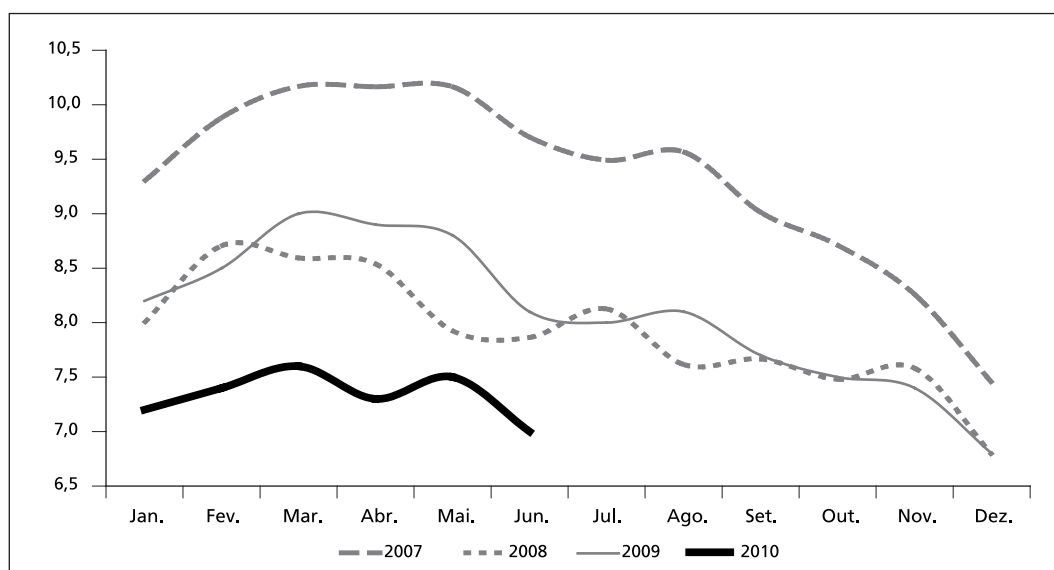
O gráfico 2 mostra a trajetória da taxa de desemprego, ou taxa de desocupação, para o agregado das RMs, entre 2007 e 2010. No primeiro semestre de 2010, a taxa de desemprego apresentou um valor médio de 7,3%. O resultado é bom se comparado com o passado recente, ficando 0,9 p.p. abaixo do verificado para o primeiro semestre de 2008. Pode-se salientar que o mês de junho de 2010 apresentou uma queda forte em relação ao mês anterior, registrando uma taxa de 7%, a menor já vista para este mês desde 2003.

Na tentativa de identificar os determinantes da evolução da taxa de desemprego durante o primeiro semestre de 2010, vale compará-la com a evolução na taxa de atividade dos últimos anos (gráfico 1).

Conforme analisado, notam-se um acréscimo da taxa de atividade até maio, quando atinge seu maior valor, e uma queda em junho. A taxa de desemprego teve um leve aumento até maio e sofreu uma queda maior em junho. Logo, pode-se considerar a hipótese de que estas oscilações na oferta de trabalho foram preponderantes para explicar a evolução da taxa de desemprego.

A PME permite analisar como evoluiu o desemprego de acordo com algumas características individuais. Em 2010, a desagregação por faixa etária merece atenção, em particular a evolução do desemprego para os mais jovens. Tanto o grupo de 15 a 17 anos quanto o de 18 a 24 apresentaram variações expressivas quando se comparam as taxas médias semestrais de 2010 com as de 2008. Estas variações são de -2,7 e -1,8 p.p., respectivamente. Novamente, cabe relacionar este fato com o que foi registrado para a taxa de atividade, na qual o grupo mais jovem também se sobressaiu com uma forte redução na oferta de trabalho. A desagregação por gênero não parece ser tão influenciada pelo comportamento da taxa de participação, na qual havia uma certa homogeneidade entre homens e mulheres. O que se vê na taxa de participação é uma queda de 1,3 p.p. para as mulheres e uma variação negativa (-0,7p.p.) para os homens.

GRÁFICO 2
Taxa de desocupação
(Em %)



Fonte: PME/IBGE.

Na comparação da taxa de desemprego entre as RMs no primeiro semestre de 2010 e de 2008, todas as regiões apresentaram queda na taxa. Em três das seis regiões analisadas, a queda supera a marca de 1 p.p., quais sejam: Porto Alegre, com queda de 1,3 p.p.; Belo Horizonte, com 1,2 p.p.; e São Paulo, com 1,1 p.p.

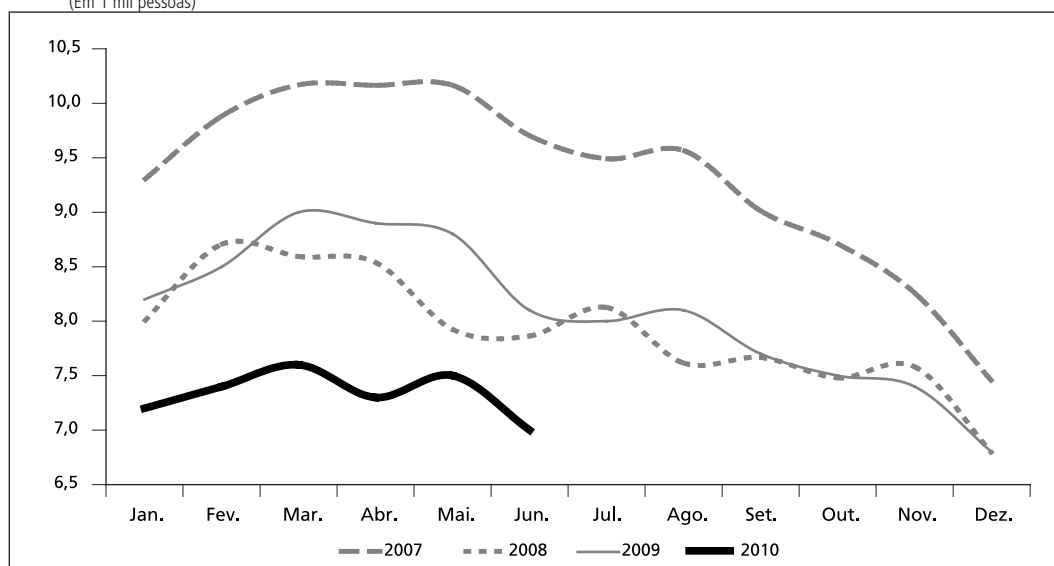
As taxas de desemprego aberto apuradas pela Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED), do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), trazem alguns aspectos similares e outros divergentes em relação ao panorama descrito pela PME. Em termos agregados, por um lado a tendência de queda nesta taxa nos últimos anos é confirmada pela PED. Por outro lado, segundo esta fonte, a taxa de desemprego não apresenta a subida em maio de 2010 relatada pela PME. Em termos regionais, das três regiões destacadas na PME por exibirem quedas significativas da taxa de desemprego, apenas Porto Alegre apresenta tal tendência na PED, com queda registrada de 1,2 p.p. Belo Horizonte e São Paulo apresentaram variações bem menos expressivas que as detectadas pela PME (-0,5 e -0,4 p.p. respectivamente). Provavelmente, boa parte destas divergências se deve ao fato de que as estimativas da PED divulgadas consistem em uma média trimestral móvel,⁷ o que suaviza as variações de um mês em relação ao outro.

3 OCUPAÇÃO E INFORMALIDADE

A população ocupada nas RMs correspondeu a aproximadamente 21,9 milhões de indivíduos em junho de 2010. A evolução mensal deste indicador entre os anos de 2007 e 2010 é apresentada no gráfico 3. Ao analisar a sua trajetória no primeiro semestre de 2010, observa-se que a taxa média de crescimento mensal foi de 0,05%; projetando-se este ritmo para 12 meses, ter-se-ia um crescimento de apenas 0,6% da ocupação no ano. Para fins de comparação, vale citar que a taxa foi de 0,23 % no primeiro semestre de 2008. Em 2010, não houve muita oscilação desta taxa no primeiro semestre, a não ser no mês de junho, quando a população ocupada manteve-se no mesmo patamar de maio, registrando, portanto, taxa de crescimento nulo.

GRÁFICO 3

População ocupada (Em 1 mil pessoas)



Fonte: PME/IBGE.

7. Por exemplo, a taxa de desemprego de junho reflete na verdade a média dos meses de abril, maio e junho.

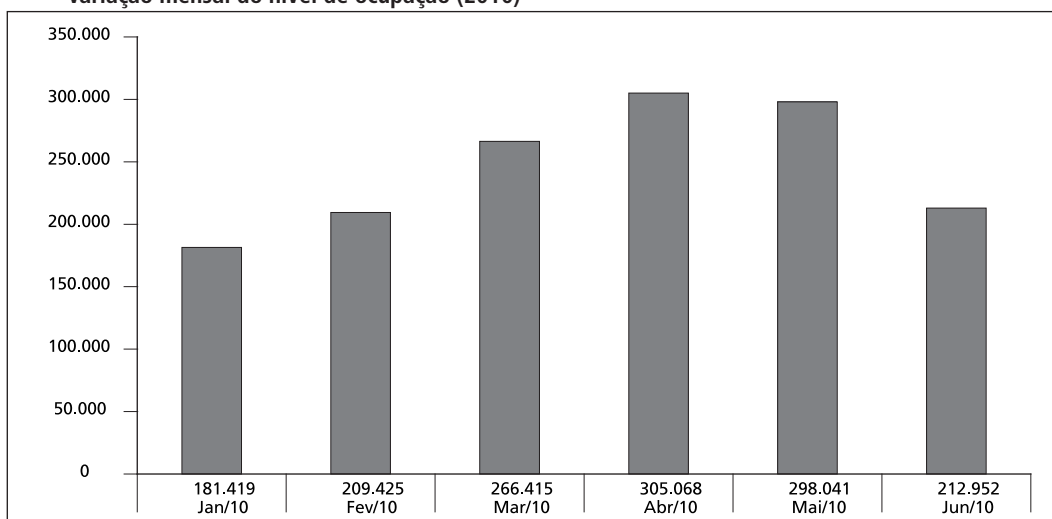
Os dados do Cadastro Geral de Emprego e Desemprego (CAGED), do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), indicam que foram gerados em média 245.553 postos por mês em todo o território nacional no primeiro semestre deste ano.⁸ Ao contrário do que se viu na PME, no entanto, os valores mensais mostram uma considerável heterogeneidade no ritmo de crescimento da população ocupada, conforme pode ser atestado pelo gráfico 4. A comparação dos respectivos valores para 2008 também difere do padrão descrito na PME.

A análise semestral da variação da população ocupada por setor de atividade mostra divergências consideráveis entre as pesquisas (PME e CAGED), sobretudo para a administração pública.⁹ No CAGED, este setor registra uma piora considerável no primeiro semestre de 2010 em relação ao mesmo período de 2008, ao passo que na PME não se verifica este movimento. Na PME, o setor que apresentou o maior crescimento na população ocupada foi o comércio,¹⁰ enquanto no CAGED a indústria¹¹ foi o setor que mais se destacou. Isto reflete em grande medida a cobertura geográfica diferenciada de cada uma das fontes de informação, uma vez que boa parte do emprego industrial registrado no CAGED concentra-se fora das regiões metropolitanas cobertas pela PME.

Quando se restringe a análise para a evolução no primeiro semestre de 2010, vale destacar na PME a evolução do setor de comércio, que, apesar de ter apresentado o maior crescimento na população ocupada entre os anos 2008 e 2010, acumulou uma queda ao longo do ano de 2010 de 1,4 p.p. No que se refere à comparação com o CAGED, a administração pública novamente se destaca. Enquanto na PME ela é o setor que apresenta a melhor evolução ao longo do ano, com aumento de 5 p.p., no CAGED este setor não apresentou um desempenho favorável no primeiro semestre do ano.

GRÁFICO 4

Variação mensal do nível de ocupação (2010)



Fonte: CAGED/MTE.

8. Não é possível calcular taxas de crescimento da população ocupada com base nos dados do CAGED, visto que esta fonte carece da informação sobre o estoque de empregados.

9. Esse agrupamento abrange – além da administração pública – educação, saúde, serviços sociais, defesa e seguridade social.

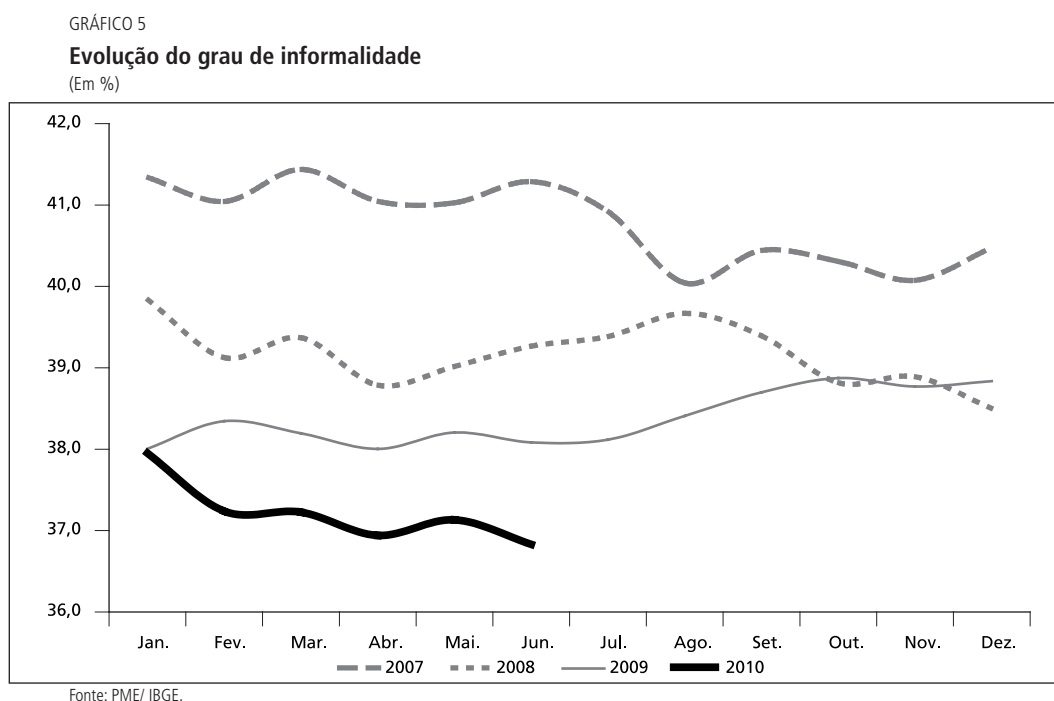
10. Além das atividades de comércio, esse agrupamento engloba reparação de veículos automotores e de objetos pessoais e domésticos, e comércio a varejo de combustíveis.

11. Nesse agrupamento a atividade considerada é a indústria de transformação.

No que diz respeito à esfera regional, ressalte-se que a absorção da força de trabalho aumentou em todas as regiões metropolitanas. Tanto na PME quanto no CAGED, a região que mais se destacou foi a do Recife, seguida pela de Salvador.

Os dados da PME ainda permitem uma análise por posição na ocupação. Uma comparação baseada nas médias semestrais de 2010 e 2008 revela um contraste entre os empregados do setor privado. Enquanto o contingente de empregados com carteira assinada obteve um crescimento de 9,3%, o emprego sem carteira assinada apresentou uma variação de -3,0%. Este contraste também está presente numa análise ao longo do primeiro semestre de 2010. Neste período, os trabalhadores com carteira assinada registraram um aumento de 2,6 p.p., ao passo que o emprego sem carteira assinada acumulou queda de 3,4 p.p.

O desempenho dos grupos de empregados com e sem carteira permite moldar a evolução do grau de informalidade: o gráfico 5 confirma a tendência de queda na primeira metade de 2010, alcançando em junho a marca de 36,8%, o menor patamar desta variável desde a implantação da atual metodologia da PME em 2002. Nos seis meses iniciais de 2010, o valor médio do nível de informalidade ficou em 37,2%. Ainda que não seja um patamar desejável, o valor passa a ganhar contornos positivos ao se olhar para o passado recente. É possível verificar que a informalidade vem caindo significativa e continuamente. Para se ter uma ideia da magnitude deste movimento, a taxa de 37,2% registrada para a primeira metade de 2010 representa uma queda de 4 p.p. desde 2007, o que significa uma queda anual média de 1,3 p.p. neste período.



4 RENDIMENTO E MASSA SALARIAL

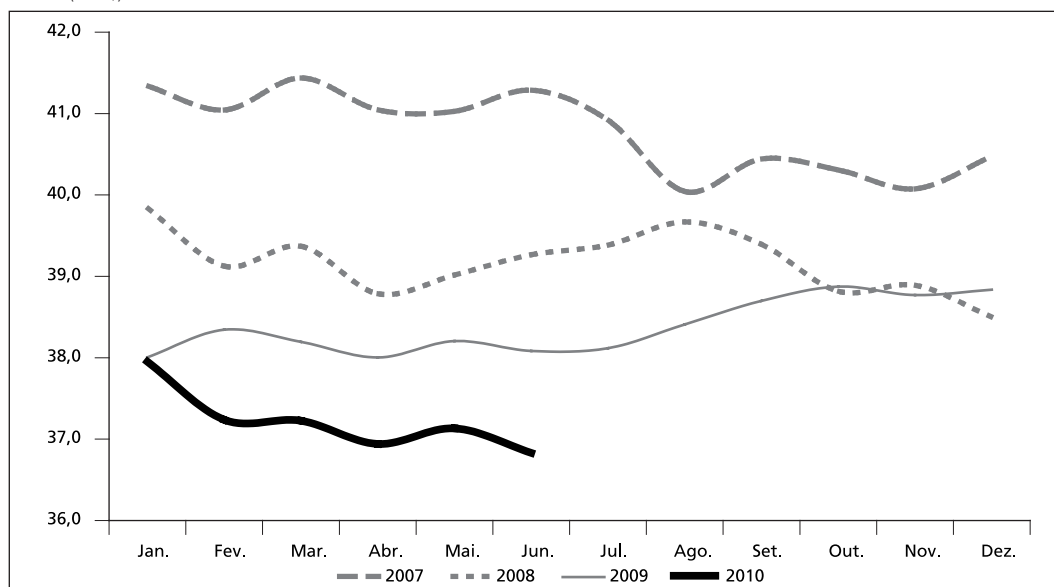
No primeiro semestre de 2010, o rendimento médio real habitualmente recebido nas seis RMs analisadas na PME ficou em torno de R\$1.420,00. A evolução mensal deste indicador nos últimos anos pode ser observada no gráfico 6. Nele, constata-se que o rendimento encontra-se em patamares superiores aos dos anos anteriores, com uma diferença de 5,8% em relação à média do primeiro semestre de 2008.

Ao longo do ano de 2010, pode-se notar uma leve tendência de aumento no rendimento médio real. Um ganho de aproximadamente R\$ 17 (ou 1,2%) é registrado ao final do primeiro semestre. No entanto, é possível notar uma oscilação nesta tendência, em particular nos dois últimos meses, quando o rendimento registra primeiro uma queda em maio, para em seguida se recuperar em junho.

Esse fato pode estar corroborando a preponderância de deslocamentos na oferta de trabalho como determinante na evolução dos principais agregados do mercado de trabalho nos últimos meses. Com um aumento significativo na taxa de participação em maio, mais trabalhadores buscaram emprego, muitos dos quais não conseguiram ser absorvidos entre os ocupados, gerando um excesso de oferta, que por sua vez contribuiu para um aumento do desemprego, e possivelmente também para uma queda no rendimento. Em junho, verificou-se reversão nesta trajetória, em função de um recuo na taxa de participação.

Na desagregação por RM, a queda nos rendimentos registrada no mês de maio foi influenciada principalmente por Rio de Janeiro e São Paulo, que apresentaram variações de -2,4 e -1,2 p.p., respectivamente. As regiões que mais se destacaram, ao longo de 2010, foram Recife, com aumento de 9,9%, e Salvador, que registrou crescimento de 5,5%.

GRÁFICO 6
Rendimento médio real habitual
(Em R\$)



Fonte: PME/ IBGE.

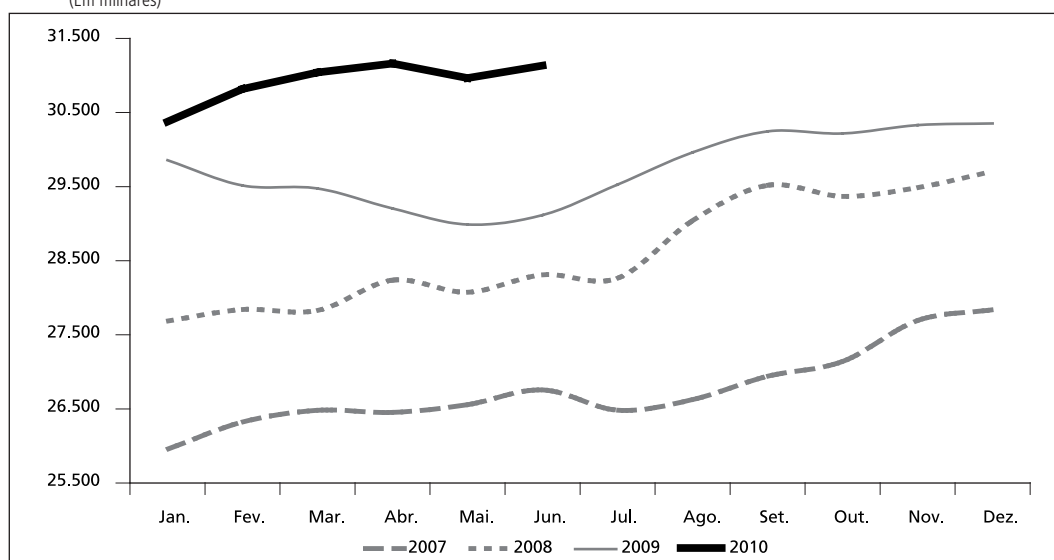
Voltando à comparação entre o primeiro semestre de 2010 com o de 2008, observa-se que os dados de rendimento por posição na ocupação trazem uma heterogeneidade digna de nota. Por um lado, os trabalhadores sem carteira de trabalho assinada registraram uma variação positiva de 12% nos rendimentos neste período. Por outro lado, os trabalhadores com carteira assinada e autônomos tiveram ganhos de 4,7% e 4,8%, respectivamente. Pode ser que o crescimento menor do rendimento médio dos empregados com carteira seja consequência do próprio processo de formalização: uma vez que este processo em geral implica o registro de trabalhadores de remuneração mais baixa (frente aos que já tinham carteira assinada), a média deste grupo tenderia a crescer menos.

A combinação dessa leve tendência de aumento no rendimento médio com o desempenho reportado para o nível de ocupação se reflete na massa salarial. O gráfico 7 mostra a evolução mensal deste indicador para os últimos anos. Como se pode observar, o comportamento deste indicador no primeiro semestre de 2010 confirma uma ligeira tendência de aumento (2,4%). Vale dizer que se a análise se ativer aos últimos dois meses, a tendência é de estagnação deste indicador, o que serve como um sinal de alerta no que diz respeito à continuidade do bom desempenho retratado para o mercado de trabalho metropolitano do Brasil, haja vista a influência do indicador sobre a demanda interna, e consequentemente sobre o nível de atividade.

GRÁFICO 7

Massa salarial

(Em milhares)



Fonte: PME/ IBGE.